

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FIM DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

PREPARATIVOS DE COMBATE NA VIZINHANÇA DO R. G. SUL

JACQUES PRÉVÈRT



PRIMEIRO CARRETEL

NARRADOR - **E** a noite...

Estamos a bordo do "FRANÇA PRIMEIRA A BOMBORDO E A ESTIBORDO DEPOIS DE VOCÊ POR FAVOR", uma das mais belas unidades da marinha do Estado.

Deitados em suas praças e berçados pelo balanço do navio, os bravos golinhas-azuis sonham com a pobre mãe e o querido velho pai. Os que sonham com o pai murmuram docemente (Papai). Os que sonham com a mãe murmuram docemente (Mãe). Os que são orfãos, filhos indignos, maus sujeitos ou pupilos da Assistência pública se calam e não sonham.

Sobre a ponte, atrás da larga terrinha número três, há uma mulher muito bela que caminha inquieta. Está com um admirável vestido de noite e segura na mão uma taça de chá.

O almirante chega com o bule de chá e o açucareiro. Traja uniforme de gala e caminha na ponta dos pés. Aproxima-se da jovem e, sem dizer uma palavra, fita-a e, sem dizer uma palavra, a jovem fita também o almirante.

Longo silêncio.

Longo silêncio durante o qual ouvem-se diversos barulhos: **E** gritos de aves marinhas (gaiotas e outras gaiotas), marulhos das vagas tatalares de bandeiras sacudidas pelo vento.

O almirante se decide a romper o longo silêncio.

ALMIRANTE - Quantos tabletes de açúcar, Maria Tereza?

M. TEREZA (é jovem) - Ai de mim!

ALMIRANTE - Eu desconfiava!

Chega-se à jovem, toma-a pelo pulso com grande delicadeza e, colocando-a em plena luz, recua para julgar o efeito... Súbito lança um grito terrível e atira por cima da grurada o bule e o açucareiro.

ALMIRANTE - (dolorosamente patético) - Oh! É medonho... É impossível...

Eu sonho... (Belisca-se o braço com o agarrador de açúcar).

Nas não, não sonho, é a triste, a triste verdade... Maria Tereza, você está...

M. TEREZA - Ai!

ALMIRANTE (sufocando um soluço) - E eu que... E eu que... E eu que...

M. TEREZA (muito triste) - E você que o quê, meu amigo?

ALMIRANTE - E eu que lhe tinha posto tão alto em minha estima!

M. TEREZA - Ai!



Então o almirante se chega a ela e lhe fala baixinho, no ouvido... Pela expressão atormentada de seu rosto expressivo e atormentado, compreende-se claramente que ele diz: "Maria Tereza, eu quero saber quem é o pai..."

E Maria Tereza, virando alternativa e lentamente a cabeça para a direita e a esquerda várias vezes, dá a entender que se recusa a responder.

Aí o almirante esquece as mais elementares noções da galanteria francêsa, (até torcer os pulsos da infeliz Maria Teresa.)

ALMIRANTE - Responda, Senhora, responda...

M. TEREZA (com uma grande expressão de desespero estritamente mundano)

- É o seu filho, meu amigo!

O almirante se enche então de uma alegria transbordante.

ALMIRANTE - Meu filho... E eu que... E eu que...

M. TEREZA (espantada) - E você que o quê, meu amigo?

ALMIRANTE - E eu que a brutalizava... Ah! que louco fui!

Anda a passos largos pela ponte, fazendo o gesto de embalar a criança. Maria Tereza o olha sacudindo a cabeça tristemente.

ALMIRANTE (divertindo o bebê com o agarrador de açúcar) - Meu filho... quili quili... Onde está seu papaizinho... Dudu... É o almirante...

Está aqui... veja... quili quili... Cuidadinho... A bandeira... (grita) Todo o mundo sobre a ponte para ver meu pimpolhinho...

Mas súbito sua alegria se congela.

ALMIRANTE (com uma expressão de inquietude repentina) - Mas como pode saber, Maria Tereza, se é um menino ou uma menina?

M. TEREZA (dolorosamente corneliana mas com muita elegância) - Ai, meu amigo... Quando, agora mesmo, lhe disse: é o seu filho, ai, quis dizer: é o seu filho o pai.

ALMIRANTE (cuja angústia aumenta a olhos vistos) - Estanislau?

M. TEREZA - Ai de mim!

ALMIRANTE - Meu próprio filho!

Desaba sobre o banco da sentinela e permanece mais ou menos dez minutos com a cabeça nas mãos... Findos os dez minutos, levanta a cabeça: observa-se então que envelheceu dez anos.

Neste instante, detrás da torrinha número três, surge um tenente da marinha, bonito rapaz, mas com os traços visivelmente crispados pelo ciúme.

M. TEREZA (enlouquecida) - Estanislau!

ESTANISLAU - Você aqui, Maria Tereza, em plena noite, com meu pai!

M. TEREZA - Ai!

ALMIRANTE (com um grande gesto de desânimo) - Ai! Ai! Evidentemente!..

ESTANISLAU (chega-se a Maria Tereza e lhe torce os pulsos) - Você me faz esquecer as mais elementares noções de galanteria francêsa.



ALMIRANTE (sacudindo a cabeça e falando entre-dentes) - Tal pai, tal ^{- 3 -} filho; tal filho, tal neto; e assim por diante, a vida continua... (ergue os olhos para o céu e duas grandes lágrimas lhe correm pelas faces). A vida é uma imensa farsa e nós temos de que Deus puxa os cordões!...

Estanislau sacode cada vez mais forte a Maria Tereza.

ESTANISLAU - Responda, Maria Tereza! Responda!...

M. TEREZA - Está me pisando, Estanislau!...

ESTANISLAU (sem escutá-la e tomado de um furor crescente) - Responda...

Que espera para me responder, Maria Tereza, que espera?

M. TEREZA (sacudida, virada ao avêso, ulcerada, mas com uma grande dignidade) - Espero um bebê!

Estanislau larga os braços de Maria Tereza e se lança sobre seu pai.

ESTANISLAU - Miserável!

Levanta a mão contra o pai.

ALMIRANTE (muito digno, muito calmo) - É ao almirante que fala, tenente, ou é ao teu pai que tu falas, Estanislau?

ESTANISLAU (cerrando os dentes) - Falo ao miserável pai daquele ou daquela que deveria ter sido rebento meu.

ALMIRANTE (dolorosamente lúcido) - Imbecil!

ESTANISLAU - Ah! seja polido, papai!

Bate-lhe no rosto.

ALMIRANTE (fora de si) - Ah! onde já se viu isso! O almirante não é mau mas se o atacam senta o pau... (Pega Estanislau pela garganta).

M. TEREZA - Não vão se bater como dois trapeiros.

ALMIRANTE (largando o tenente) - É justo. (Compõe-se).

ESTANISLAU (olha então seu pai, e a disciplina e a piedade filial retomam a prioridade) - Perdão, papai... Desculpe, meu almirante...

O almirante sorri então com uma grande bondade. Abre os braços e Estanislau se lança dentro deles.

ALMIRANTE - Meu rapazinho, meu pimpolho... Dou-te minha palavra de honra que és o pai...

Neste momento Maria Tereza solta uma risada estridente.

M. TEREZA - Desculpen, é nervoso.

ALMIRANTE (atraindo seu filho para si e lhe falando ao ouvido) - Toma bastante cuidado dela, meu pequeno... A gravidez nervosa está mal. (Depois com um estranho sorriso) . Boa-noite, bom sono, vou me deitar.

Dá alguns passos... E no seu olhar pode-se ler que acaba de tomar uma decisão trágica.

ESTANISLAU (a Maria Tereza com uma grande expressão de inquietude)

- Estou inquieto.



ALMIRANTE - Não quero ser um obstáculo à felicidade de vocês. Adeus, vivam em paz - cresci e multiplicai-vos.

↓ Tropa na pavesada e se lança ao mar.

ALMIRANTE (caindo) - Viva a França!

ESTANISLAU (se precipitando) - Papai! Almirante! Papai! Almirante! Papai! Almirante!...

Depois tem exatamente a expressão do homem que vai berrar: "Um homem ao mar"!... Mas, de trás da torrinha número três, surge um marinheiro de olhar fugidio...

Tem na mão um cacete. Ergue-o, baixa-o e Estanislau desaba.

O marinheiro chega-se então a Maria Tereza e inicia com ela uma longuíssima conversação em alemão.

Ao alto, na cabina do rádio, o rádio telegrafista recebe uma mensagem desconcertante. Ergue-se, põe a mão no coração, senta-se de novo...

O RÁDIOTELEGRAFISTA - A Guerra !!!

(Fim do primeiro carretel).

SEGUNDO CARRETEL

Na sombra, amparado por Maria Tereza, Estanislau retoma pouco a pouco o conhecimento. Maria Tereza fita-o, o seu olhar é doloroso e enigmático ao mesmo tempo.

ESTANISLAU (com o olhar desvairado) - Onde estou... quem sou... De onde venho... Como vamos... Muito obrigado a você?...

M. TEREZA (interrompendo-o com com extrema doçura) - Acalme-se, meu amigo, você tem febre...

ESTANISLAU - Febre! (Sentindo o nevoeiro se dissipar). Ah! me lembro... Maria Tereza... Bateram-me covardemente pelas costas, na cabeça...

M. TEREZA - Acalme-se...

ESTANISLAU (rompendo em soluços) - Oh! Eu me lembro... Foi... horrível. Meu pobre filho se lançou ao mar...

M. TEREZA - (cada vez mais inquieta) - !!!

ESTANISLAU - Matou-se, meu pobre Estanislau, e eis-me orfão agora. E no entanto, é sem dúvida ele o pai de seu filhinho!...

M. TEREZA (sacudindo-o) - Oh! meu amigo, não é possível. Teria perdido a razão?

ESTANISLAU (com um bom sorriso) - A cabeça do almirante é sólida... (Toca na cabeça). Uma verdadeira cabeça de bretão... E contudo nasci em Limoges... Subprefeitura Xícara-de-chá... pirezinho... colherzinha... (De repente recomeça a chorar). Estanislau, Estanislau, meu pobre pinpolhinho!

M. TEREZA (ofegante e desconcertada) - Protegei-nos, meu Deus!

Súbito se escutam diversos barulhos... [Uma sereia. Um toque de

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- 5 -

324

ESTANISLAU - Que se passa?

M. TEREZA - Não sei!

ESTANISLAU - Nem eu!

M. TEREZA - Ai de mim!

5 Neste instante o capelão de bordo atravessa a ponte. Tem um cantil à bandoleira e um gorro com um pompom vermelho delicadamente caído sobre a orelha.

1 CAPELÃO (titubeando ligeiramente) -

3A Quando Madelon

Nos vem dar de beber

Sob o caramanchão

A gente toca a sua combinação...

ESTANISLAU (surpreso) - Quem é esta Senhora?

M. TEREZA - Mas é o pai Retonnet, capelão de bordo, ora!

ESTANISLAU - Ah sim! (Sorri). Se diria que ele bebeu.

M. TEREZA (chocada) - Oh! Que horror! (Benze-se).

ESTANISLAU (súbitamente ciumento e lhe torcendo o pulso) - Por que fez sinais a ele?

M. TEREZA - Mas não lhe faço sinais. Fiz o sinal da cruz.

ESTANISLAU - Desculpe.

O capelão se aproxima e inclina-se diante de Maria Tereza.

CAPELÃO - Senhora,...

M. TEREZA - Que há, meu pai?

CAPELÃO (com um bom sorriso) - A guerra, senhora... A guerra.

Afasta-se cantarolando.

CAPELÃO - Quando Madelon, etc...

ESTANISLAU (se apercebendo pouco a pouco da situação) A guerra:..

M. TEREZA - Ai de mim!

ESTANISLAU - A guerra... Sagrado nome de Deus, a guerra! (Uiva:) Sob meu comando... Todo o mundo na ponte... Preparativos de combate naval... Limpem os penaches... Façam polir os torpedos e engraxem os canhões... E ran e ran peti-patapam... Não mais que em cinco minutos, revista das correias dos cantis.

M. TEREZA - Oh! Acalme-se! Você está doente, muito doente, e estou certa de que se lhe tomassem a temperatura...

ESTANISLAU (explodindo) - Minha temperatura! Tomar a minha temperatura! Que venham, se ousarem!...

M. TEREZA (suplicante) - Meu amigo!

ESTANISLAU - Oh, eu sei o que irá me dizer, Maria Tereza... Os japoneses tomaram Pôrto Artur... Eu sei... Mas há uma coisa que eu posso afirmar: é que nunca, nunca tomarão a temperatura do almirante Grattier de Tendão!

M. TEREZA (profundamente desconcertada) - Você está louco, meu amigo, mas é sublime. (Cai nos braços dele).



ESTANISLAU - Maria Tereza... (Depois, com um suspirinho de lástima.)

Desculpe-me, Maria Tereza, mas devo voltar à minha cabina e vestir o meu uniforme de guerra... Casquete chato, polainas molés e monóculo azul-horizonte!

Dáte os calcanhares e se afasta.

6. O marinheiro de olhar fugidio surge detrás da torrinha, se aproxima de Maria Tereza e, baixinho em alemão, retomam a conversação misteriosa.

Ao longe, a esquadra inimiga

Acima da esquadra inimiga, hidro-aviões. Embaixo, submarinos.

... Dinos de guerra, comitantes a de a encanando como um pando espetáculo.

A bordo do "França Primeiro a Bombordo e a Estibordo Depois de Você Por Favor" reina uma grande animação: atmosfera de sã e alegre gravidade. O Pai Retonnet, o venerável capelão de bordo, se entretém con o comandante Ponte-Atrás, verdadeira figura de Lobo do Mar, escravo do dever, mas gozador como (ninguem, digo,) nenhum.

O PAI RATONNET - De fato, a guerra tem seus bons e seus maus aspectos. Mas são seus bons aspectos que são os melhores...

O COMANDANTE PONTE-ATRÁS - Ah, sim, na guerra como na guerra, como se diz... (grosso riso gaulês e menino)

O PAI RATONNET - Por certo! Olhe, observe aí o almirante do Tendão: re moçou vinte anos!

O Comandante Ponte-Atrás olha na direção indicada pelo Pai Ratonnet.

De gala, Estanislau (que todo o mundo toma pelo almirante, dadas as exigências do cenário e a semelhança entre ele e o seu pai) caminha a passos largos pela ponte. Um oficial se aproxima.

OFFICIAL - Procura alguém, Almirante?

ALMIRANTE - (Huito triste) Procuro meu filho!

Neste momento, um tiro de canhão.

ALMIRANTE - Que é isso?

OFFICIAL - É a esquadra inimiga, sem dúvida.

ALMIRANTE - Bem, vou dar as ordens e o combate naval vai começar... A bandeira! Icem as três cores!

TODOS - A guerra! A guerra vai começar!

MARINHEIRO - Por aqui senhores! Daqui enxergarão tudo muito bem.

NARRADOR - Nós que entráreis aqui, perdei toda a esperança. Peçam o programa. Tirem os chapéus durante o espetáculo. Estão todos convidados a deixar os seus animais no bestiário. Estão convidados igualmente, como dizia o próprio Alexandrino, o Grande, a deixar esta sala ao sair, tão limpa quanto gostariam de vê-la ao entrar.

VA SRA. QUE FAZ TRICOT - Absolutamente vulcânico, siderúrgico, esmagador!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

*TEM
Carteira da Função*



12. O SR. COM MÁSCARA CONTRA GÁS - A batalha vai começar.

ESTANISLAU - Atire primeiro, comandante.

13. COMANDANTE - Não senhor! Excelência, a honra é vossa!

ESTANISLAU - Depois do senhor!

COMANDANTE - Não farei nada disso!

ESTANISLAU - Lhe suplico.

COMANDANTE - Em verdade, vós me deixais constrangido!

ESTANISLAU - Seria a última das coisas!

Os espectadores entusiastas cantam em coro e agitam os lenços.

Its a long way Tipperary

Its a long way to go

Its a long way to Tipperary

Its a long way to go

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

COMANDANTE - Insistir seria mau gosto!

ESTANISLAU - Estou Constrangido, absolutamente constrangido. Atire primeiro para me dar prazer.

A SRA. QUE FAZ TRICOT - Se isso continuar assim, estaremos ainda aqui amanhã à noite.

(nunes / amonstros / esta guerra)

14. CAPELÃO - Mas atirem duma vez, infelizes!

~~M. TEREZA - Calma senhor Capelão, calma!~~

Um soldado perseguido, extenuado, surge de repente no meio da cena e fica lá desamparado.

- O Soldado como vítima da guerra e o país que nele.

ESTANISLAU - Mas o que é isso?

A SRA. QUE FAZ TRICOT - A batalha ainda não começou e já temos um desertor!

COMANDANTE - Um que dá o mau exemplo!

ESTANISLAU - É preciso fazer um exemplo!

A SRA. QUE FAZ TRICOT - Dar o bom exemplo!

COMANDANTE - Aquele que se bate pela espada perece pela espada. Aquele que se recusa a bater-se com o fuzil, perece pelo fuzil! (Mata benignamente o soldado).

A SRA. QUE FAZ TRICOT - Atenção! Cuidado! Ele é frágil!

15. (M. TEREZA - Um militar perdido, dez reencontrados!)

COMANDANTE - É preciso civis para fazer militares!

16. O SR. COM MÁSCARA CONTRA GÁS - Com um civil vivo faz-se um soldado morto!

ESTANISLAU - E para os soldados mortos fazem-se monumentos! Monumentos aos mortos!

A SRA. QUE FAZ TRICOT - Já viram a maquete?

M. TEREZA - Que maquete?

A SRA. QUE FAZ TRICOT - A maquete do monumento aos mortos!

O SR. COM MÁSCARA CONTRA GÁS - Eu já vi. Meu Deus, é soberba. Porém, ~~mas~~ demais para ser real. Já ~~estiveste~~ estiveste numa guerra? Sabes o que é a guerra? não...



A SRA. QUE FAZ TRICOT - Viste isto? não de conhecimento, são coisas da idade. Mania de criticar, revolucionar, piquete, greves, ... são coisas da idade.

Um novo desertor reconheceu sua mãe entre os espectadores e se Joga a seus pés.

A. SEGUNDO DESERTOR - Mãe! esconda-me!

A SRA. QUE FAZ TRICOT - Meu filho um desertor! Mas o que é que vão dizer os vizinhos! É a vergonha sobre a família, a desonra! Miserável, vais fazer gorar o casamento da tua irmã!

COMANDANTE - Aquelo que se bate pela espada, perece pela espada. Aquelle que se recusa a bater-se pelo fuzil, perece etcetera etcetera. (Mata o soldado. Simples e sublime dor da mãe que se cobre com um véu de luto).

ESTANISLAU - Esta batalha é apaixonante, você deveria ter trazido as crianças.

M. TEREZA (isto não é um espetáculo para crianças.)

A SRA. QUE FAZ TRICOT - Não há mais crianças!

COMANDANTE - Como a senhora tem razão, madame! Não há mais crianças, nem respeito, nem Pirineus, nem panache, nem nada! A batalha é bela, a representação um sucesso, mas calou cedo de sono. Boa noite e obrigado.

M. TEREZA - Como o preto lhe senta bem!

A SRA. QUE FAZ TRICOT - Pois não ó?

M. TEREZA - Que lástima que seu filho não esteja mais aqui para vê-la!

A SRA. QUE FAZ TRICOT - Realmente é uma pena.

ESTANISLAU (debruçado sobre o cadáver descobrindo-lhe a verdadeira identidade). Atenção! É o soldado desconhecido. Um minuto de silêncio, por favor.

FIM

1ª H K N

2ª H K N

3ª H K N

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025